

154 - GESTÃO DA ADOLESCÊNCIA CONSIDERADA EM PERIGO OU PERIGOSA: PROBLEMATIZAÇÕES E FORMAS DE RESISTÊNCIA ÀS TUTELAS

- Tamiris Cristina Gomes Mazetto (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Soraia Georgina Ferreira de Paiva-Cruz (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Larissa Ferreira Mendes dos Santos (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Helton Alves de Lima (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Belchior Camargo Alves Ferreira (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Leonardo Lambertini de Oliveira Guimarães (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Maísa Helena Ravanini (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Carlos Eduardo de Carvalho Mello (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Daniel Kerry dos Santos (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis), Diego Dutra Silva (Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis) - socruz@assis.unesp.br

Introdução: O paradigma científico da Psicologia tem se revelado como uma tecnologia eficaz de adestramento e ajustamento dos sujeitos ou grupos à realidade social. Neste sentido, podemos dizer que não é afeita a diálogos que interroguem seus registros de enunciados de verdade pretensamente universais. Nessa perspectiva, afirma um mundo intrapsíquico e desconectado daquilo que conceitua como mundo externo (leia-se a história, o social, o político) e o sujeito que emerge destas concepções é aquele aprisionado às leis do inconsciente as quais governam o seu comportamento, mas cujas verdadeiras razões para seus atos ele próprio desconhece. Fabrica-se, assim, gradativamente, o mundo interior e o sujeito é levado a abrigar-se em sua intimidade, em suas emoções, em seus sentimentos. Ao voltar-se para si próprio numa espécie de narcisismo, o indivíduo, assim subjetivado, usará seu tempo para decifrar-se, ou seja, exercitará a prática do auto-conhecimento em busca da auto-estima. É então propagado que o sujeito, fazendo essa trajetória, encontrará o seu verdadeiro Eu, encapsulado ainda mais à vida privada em detrimento da pública. **Objetivos:** propagar práticas pautadas numa relação ética e política para com as coisas do mundo, as quais interpelem os jovens a uma ação no mundo e a uma forma de comprometimento com o espaço público. Nesse sentido, nossa atuação num estabelecimento de atendimento à infância e adolescência consideradas de risco tem sido a de promover discussões que desloquem o sujeito interiorizado, privado, para um sujeito preocupado com as questões relacionadas aos Direitos Humanos e cidadania. **Métodos:** Tentando escapar dessa racionalidade produtora de indivíduos assujeitados às normas, apoderamo-nos do plano teórico de M. Foucault e G. Deleuze e propomos o método cartográfico. **Resultados:** Aliar a psicologia a essas práticas interventoras tem significado investir em suas redes de cidadania, as quais, entre outras coisas, problematiza a produção sócio-histórica dos preconceitos raciais e de classe. Esta tem sido nossa prática cotidiana, pois visamos investir em movimentos que interpelem a nossa realidade preñe de violência organizada e institucionalizada. **CONCLUSÃO:** Assim, a psicologia irá intervir para desbloquear o que está naturalizado, promovendo agenciamentos solidários com “o estranho em mim” no encontro com outrem, os quais atualizam manifestações de resistência e potencialização de ações que priorizem as relações de alteridade, respeito mútuo e cidadania. Coloca-se em cena o debate: há que se politizar comportamentos humanos os quais foram psicologizados, uma vez que somente desta forma pode-se desnaturalizar o jovem pobre concebido como virtualmente perigoso.